



**ENAN
PUR 2023**
Belém 22 a 26 de maio



Impactos, táticas e agenciamento:

Reconfigurando as bordas da metrópole

Esta proposta de sessão livre faz parte do projeto de pesquisa multidisciplinar “*Bordas da metrópole: revendo conceitos de cidade para o desenvolvimento social e econômico de áreas periféricas*” que trata do tema da cidade desigual e suas periferias dispersas entendendo sua relação com o problema crônico da segregação sócio-espacial¹. Para abordar esse tema, que se tornou ainda mais central no contexto da atual crise sanitária da COVID-19, pretende-se explorar o conceito de 'oferta de cidade' em espaços periféricos. Compreendemos que a dispersão urbana, enquanto fenômeno caracterizado pela fragmentação, esgarçamento e expansão ininterrupta do tecido urbano, prevalência de vazios intersticiais e aumento das distâncias entre núcleos urbanos, não pode ser controlada apenas por meio de princípios de adensamento e compactação, conforme preconiza o urbanismo contemporâneo.

A sessão conta com cinco trabalhos cujos temas e abordagens buscam repensar e reinterpretar as teorias e práticas urbanísticas para construir novos princípios de projeto urbano e planejamento que atendam com maior eficácia e flexibilidade os desafios impostos pela urbanização dispersa contemporânea, contribuindo para a construção de políticas públicas e práticas de planejamento urbano e territorial. O primeiro trabalho busca propor modelos de prospecção e simulação de impactos econômicos de intervenções urbanas em nível local para cidades e periferias brasileiras. O segundo trabalho busca novas soluções de projeto urbano nas experiências cotidianas das periferias brasileiras, tendo por objetivo identificar em práticas informais, subversivas de tais padrões, a possibilidade de construção de categorias espaciais e funcionais alternativas capazes de contribuir com o planejamento de uma cidade menos dependente da relação centro-periferia. O terceiro trabalho busca construir uma leitura revisitada do urbanismo moderno e de algumas expressões contemporâneas, entendendo a paisagem como aspecto central da urbanização. O faz a partir de três questionamentos: (1) o território como projeção de agenda política; (2) a paisagem como luta por reconhecimento social; (3) os processos de discussão pública como lugar de emergência dos conflitos sociais. O quarto trabalho enfrenta o problema da ausência de referenciais de projeto para lidar com o não-compacto a partir do estudo de caso do eixo sudoeste de urbanização de Brasília, procurando mapear e cartografar transformações, reconfigurações da

¹ As discussões do grupo foram organizadas em duas propostas de sessões livres. A segunda se intitula “Dispersão e periferias: Reconfigurando as bordas da metrópole”.

paisagem e suas formas de apropriação, tecendo uma leitura revisitada do projetado, do construído e do vivenciado. O quinto e último trabalho problematiza como o local de residência impacta o medo do crime, concluindo que este se dá em função de dois aspectos: a existência de desordens, que tenderia a aumentar a sensação de medo, e a coesão social, que levaria a sua redução.

Palavras-chave. Cidade desigual; Metrópole; Periferia; Planejamento Urbano; Projeto Urbano

PALESTRA 1 - QUAIS OS IMPACTOS ECONÔMICOS LOCAIS DE INTERVENÇÕES URBANAS? BASES PARA APLICAÇÃO DE MODELOS DE PROSPECÇÃO E SIMULAÇÃO EM NÍVEL LOCAL PARA CIDADES E PERIFERIAS BRASILEIRAS

Um dos grandes desafios para gestores e planejadores é o de antecipar e avaliar possíveis impactos econômicos de intervenções urbanas. Desde os efeitos sobre o uso do solo, mercado imobiliário, preço da terra a efeitos indiretos sobre o mercado de trabalho, renda e condições sociais são possíveis efeitos de uma alteração na estrutura interna de uma cidade ou ampliação de oferta de infraestrutura com redução do tempo de deslocamento e maior integração de periferias. Este exercício de simulação de trajetórias e os eventuais transbordamentos auxilia inclusive o planejamento e o desenho de políticas para se antecipar eventuais impactos negativos e maximizar o potencial de resultados positivos dessas intervenções, ou seja, construir políticas auxiliares a intervenção urbana que possam mitigar eventuais prejuízos socioeconômicos como também ampliar os possíveis retornos econômicos. Certamente, não é uma tarefa simples, são necessários diversos esforços, desde a construção de arcabouço teórico que se ajuste bem a realidade destas periferias urbanas, como também o levantamento de metodologia e base de dados locais que possam sustentar as análises e simulações a serem realizadas. No entanto, é um esforço importante e necessário como instrumento de planejamento e integração interdisciplinar de análises, ampliando os possíveis efeitos positivos de ganhos de melhoria de vida nas cidades e em especial nas periferias.

Este trabalho busca levantar os passos necessários para essa construção desses simuladores com uma discussão sobre metodologias, base de dados e modelos de prospecção em nível local. Há diversos esforços na literatura em especial com relação ao uso do solo (Furtado e van Delden, 2011), por outro lado modelos de simulação em nível regional numa escala mais ampla também são bastante difundidos na literatura (Oliveira e Cruz, 2021). O desafio metodológico seria o de integrar esses diversos esforços para se tentar estimar impactos territoriais locais e sobre o mercado de trabalho. Nesse sentido, Schlabit et. al. (2018) faz um esforço para simular o impacto sobre setores econômicos no DF de compras governamentais do governo, e por meio da localização das informações da Relação Anual das Informações Sociais (RAIS) o possível impacto sobre as diferentes regiões do DF. Diante desses esforços, o objetivo dessa proposta é o de fazer uma revisão de arcabouço teórico, bases de dados disponíveis e metodologias de simulação, bem como possibilidade e limitações dessas abordagens.

CRUZ, B. O.. Uma Análise em Nível de Firma do Investimento Industrial no Brasil com enfoque regional. *Boletim Regional, Urbano e Ambiental* (IPEA), v. 24, p. 11-18, 2021.

Furtado, B. A., Delden, H. van. MODELAGEM URBANA E REGIONAL COM AUTÔMATOS CELULARES E AGENTES: PANORAMA TEÓRICO, APLICAÇÕES E POLÍTICA PÚBLICA. *Texto para discussão 1576* (IPEA). Rio de Janeiro: IPEA, 2011.

SCHLABITZ, C. J. ; QUEIROZ, I. V. ; CRUZ, B. O. . ASPECTOS ECONÔMICOS DO DISTRITO FEDERAL. *TEXTO PARA DISCUSSÃO - Codeplan* , v. 1, p. 1, 2018.

PALESTRA 2 - TÁTICAS INFORMAIS CONTRA A CIDADE DESIGUAL

A crise provocada pela COVID-19 exacerbou as desigualdades de condições de vida que caracterizam nossas cidades e vem oferecendo uma oportunidade ímpar para se refletir sobre o modelo de cidade e de urbanismo baseado na persistente relação entre centro e periferia, modelo para o qual foram pensadas e implementadas as soluções do incremento da oferta de mobilidade urbana e de habitação social em áreas ainda pouco urbanizadas e infraestruturadas. Como alternativa a elas, crescem apostas como a da cidade de proximidade que consiste em proporcionar o essencial da experiência urbana dentro de um território caminhável. Porém, para que essa mudança de paradigma não acabe se traduzindo em mais segregação socioespacial, é preciso buscar soluções que possam ajudar a reduzir a desigualdade da 'oferta de cidade'. Mas como fazer com que isso se torne possível em um contexto de limitações orçamentárias e grandes desafios sociais e ambientais? Buscando distinguir-se das abordagens instruídas pela referência aos padrões urbanísticos da cidade formal, este trabalho tem por objetivo identificar em práticas informais, subversivas de tais padrões, a possibilidade de construção de categorias espaciais e funcionais alternativas capazes de contribuir com o planejamento de uma cidade menos dependente da relação centro-periferia. Nossa hipótese é que essas soluções já existem na cidade em que vivemos. São fruto de iniciativas caracterizadas de informais por subverterem a ordem formalmente planejada da cidade. Para serem consideradas pelo campo do Urbanismo e se transformarem em repertório de projeto e planejamento, essas soluções precisam ser reveladas, mapeadas e estudadas. Na ocasião da Sessão Livre proposta, serão apresentados os primeiros resultados oriundos de levantamento feito com estudantes da UFRJ em seus próprios espaços de experiência cotidiana nesses territórios periféricos da cidade do Rio de Janeiro. Esse levantamento permitiu identificar uma série de táticas informais que lidam com três principais condições características desses territórios à margem: os espaços do trânsito, as barreiras e os espaços residuais. Da análise dessas táticas informais emerge a esperança de que se possa definir princípios de planejamento e projeto capazes de potencializá-las como componentes de estratégias de intervenção urbana voltadas à 'oferta de cidade' na periferia que sejam mais sensíveis aos contextos em que se aplicam e menos afeitas aos padrões urbanísticos que insistem em replicar.

BHAN, Gautam. "Notes on a Southern urban practice". **Environment & Urbanization**. Bangalore: Indian Institute for Human Settlements, V. 31, Issue 2, 2019, pp. 11–16.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

LASSANCE, Guilherme et al. **Rio Metropolitano**: guia para uma arquitetura. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

LASSANCE, Guilherme; FIGUEIRA, Patricia. "Is the Right to Mobility a Right to the City? Examining a Well-Accepted Planning Paradigm". **Journal of Civil Engineering and Architecture**. Valley Cottage, NY: David Publishing Co., nº 14, 2020, pp. 603-608.

SLADE, Ana.; LASSANCE, Guilherme. "Live-Work Tactics in the Suburban House and Their Effects on Public Spaces in the Peripheral Neighborhoods of Rio de Janeiro". **The Journal of Public Space**. Bologna: City Space Architecture, nº 4, 2019, pp. 81-100.

WALKER, Enrique. **The Ordinary**: Recordings. Nova York: Columbia Books on Architecture and the City, 2018.

PALESTRA 3 - O Projeto da Paisagem: Política, Reconhecimento, Agência

Ao discutir e investigar a configuração dos vazios, da paisagem horizontalizada e marcada por grandes áreas verdes, do espaço aberto que constitui a urbe, entende-se que a paisagem pode ser abordada a partir de duas ordens: uma primeira diz respeito à possibilidade e *potência* na reconfiguração do espaço, enquanto a outra ordem, da tectônica, constitui-se por *ações* projetivas que constroem a paisagem, o território e seus percursos. A dimensão tectônica reposiciona o ato de desenhar paisagens, moldar territórios, representar lugares como promessas instáveis, ações provisórias de busca por entendimento de como a paisagem pode ser articulada e construída. Ao reposicionar o papel do projeto urbano como paisagem em projeto contínuo, propõe-se uma leitura revisitada do urbanismo moderno e de algumas expressões contemporâneas, enfocando os usos da paisagem como principal meio de expressão sócio-político e cultural.

Três questionamentos parecem fornecer uma linha básica e operativa de investigação para a concepção e desenvolvimento de estratégias de análise projetual e análise das normativas de planejamento urbano: (1) o território como projeção de agenda política: busca-se avaliar como os atuais riscos e vulnerabilidades associados às fragilidades políticos e à mudança física do meio-ambiente transformaram os padrões territoriais e afetaram o espaço intraurbano das cidades capitais, comparados a experiências paradigmáticas do século anterior; (2) a paisagem como luta por reconhecimento social: questiona-se como as relações cartográficas e de representação do território moldam o legado, o papel ou a ação coletiva em relação à reestruturação atual no sítio; e (3) os processos de discussão pública como lugar de emergência dos conflitos sociais: questiona-se sobre o potencial das cooperações entre academia e sociedade como agentes para a constituição de novas práticas.

- ASCHER, François. **Le mangeur hypermoderne**: une figure de l'individu éclectique, Paris: Éditions Odile Jacob, 2005.
- ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
- BÉLANGER, Pierre. Is landscape infrastructure? *In*: DOHERTY, Gareth; WALDHEIM, Charles (eds.). **Is landscape...?**: essays on the identity of landscape. Londres; Nova Iorque: Routledge, 2016. p. 190-227.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. **A justificação**: sobre as economias da grandeza. Tradução: Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2020.
- BRENNER, Neil (ed.). **Implosions - explosions**: towards a study of planetary urbanization. 2. ed. Berlin: Jovis, 2017.
- CORNER, James; HIRSCH, A. B. (ed.). **The landscape imagination**: collected essays of James Corner, 1990-2010. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2014.
- FORST, Rainer. **Justificação e crítica**: perspectivas de uma teoria crítica da política. Tradução: Denilson Luis Werle. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. Tradução: Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2009.
- HONNETH, Axel. **Reificação**: um estudo da teoria do reconhecimento. Com comentários de Judith Butler, Raymond Geuss & Jonathan Lear. Tradução: Rúrião Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- LASSANCE, Guilherme; SABOIA, Luciana ; PESCATORI, Carolina; CAPILLÉ, Cauê. **Cidade pós-compacta: estratégias de projeto a partir de Brasília = Post-compact city: design strategies from Brasilia**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2021.
- RICŒUR, Paul. Architecture et narrativité. **Urbanisme**, Paris, n. 303, p. 44-51, 1998.
- VANDENBERGHE, Frédéric; VÉRAN, Jean-François. **Além do habitus**: teoria social pós-bourdiesiana. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.
- VIGANÒ, Paola. **Territori dell'Urbanistica**: il progetto come produttore di conoscenza. Roma: Officina, 2010.

PALESTRA 4 - RECONHECER MARGENS, RECONCEITUAR VAZIOS: PAISAGENS URBANAS NÃO-COMPACTAS E A QUESTÃO DO PROJETO – O CASO DO EIXO SUDOESTE DE URBANIZAÇÃO EM BRASÍLIA

A crescente urbanização, particularmente a partir da segunda metade do século XX, configurou-se por meio de processos de dispersão ou conturbação no território. Esta ocupação fragmentada do tecido urbano formou núcleos urbanos entremeados de “vazios” em diversas escalas e ordens, comumente interpretados como espaços desperdiçados, inúteis, perigosos, que ampliam distâncias, oneram o cotidiano e segregam espacialmente a cidade. Afinal, se essas dinâmicas de implosão e explosão do urbano produzem espaços outros, paisagens dispersas e fragmentadas, não seria pertinente retomar a problematização do projeto enquanto prática com potencial de transformação desses territórios considerados à margem? E, se esse retorno for possível e legítimo, sobre quais parâmetros podemos construir outros urbanismos? Pretende-se trazer à tona novos olhares para a paisagem de cidade que não traz em sua gênese as qualidades de cidade como centralidade, adensamento ou compacidade.

O problema da ausência de referenciais de projeto para lidar com o não-compacto vêm sendo enfrentado argumentando-se que o campo disciplinar da arquitetura e o urbanismo deveriam suplantar o seu papel tradicional baseado prioritariamente na morfologia arquitetônica e forma urbana. O projeto urbano deveria configurar-se a partir da gestão da infraestrutura, água, biodiversidade e atividade humana ao examinar as suas implicações ecológicas em territórios dispersos (Viganó, 2006) ou a partir da reaproximação entre o planejamento e as práticas de projeto urbano, na construção de um possível urbanismo da paisagem (Waldheim, 2016). No entanto, essa proposta de uma cidade capaz de preservar e valorizar seus interstícios não-edificados – e assim aumentar sua capacidade de resiliência frente aos riscos das mudanças climáticas e às suas vulnerabilidades sociais – traz o desafio, ainda não resolvido, da urbanidade - enquanto valor social e cultural - desses vazios. Objetiva-se discutir metodologias de análise para a leitura da paisagem e de sua região a partir do estudo específico de Brasília – aglomerado urbano planejado no final da década de 1950.

O planejamento inicial da ocupação do Distrito Federal, o Plano Piloto e suas cidades satélites conectadas por estradas-parques, preconizou importantes estratégias de enfrentamento da expansão urbana e configuração do território. Esta formação mitigou muitos dos problemas metropolitanos presentes em outras regiões, como acesso à habitação e infraestrutura urbana como água, esgoto e energia elétrica. Por outro lado, muitos impactos sociais e ambientais não foram evitados. Há ainda uma contínua segregação sócio-espacial e a paisagem natural do cerrado foi muitas vezes devastada. No caso do eixo sudoeste de urbanização em Brasília, entre o Plano Piloto e a região de Taguatinga, Ceilândia e Samambaia, esses vazios não-edificados ora se revelam como áreas residuais e à margem de apropriação, ora são elementos potenciais de articulação entre as ocupações existentes e a paisagem natural, partes fundamentais de processo conflituoso de urbanização contemporânea. Ao mapear e cartografar transformações, reconfigurações da paisagem e suas formas de apropriação, esse estudo propõe uma leitura revisitada do projetado, do construído e do vivenciado onde prevalece o caráter *non aedificandi* da urbe.

PALESTRA 5 - O BAIRRO E O MEDO DO CRIME

Dentre os vários fatores associados ao medo do crime, as condições ambientais e a coesão social têm recebido especial atenção dos pesquisadores. Os estudos sugerem que há forte associação entre as condições de vida, o ambiente social e o medo. O local de residência impactaria no medo do crime em função de dois aspectos: a existência de desordens e a coesão social.

Vizinhanças barulhentas, cheias de pichações, com a presença de pessoas alcoolizadas, drogadas, com lixo acumulado, e equipamentos urbanos danificados, podem significar a decadência dos vínculos e da coesão social. Estes sinais são chamados de desordens. Por outro lado, conhecer e confiar nos vizinhos, bem como ter amigos no bairro onde reside ajudaria a diminuir as taxas de medo. Ou seja, enquanto a percepção de desordens tenderia a aumentar a sensação de medo, a coesão social levaria a sua redução.

Referências

- Bauman, Z. (2006). *Liquid Fear*. Cambridge: Polity Press.
- Baumer, T.L. (1979). "Research on Fear of Crime in United States". *Victimology*, Vol. 3 (3/4), pp. 254-264.
- Beck, U. (1992). *The Risk Society: towards a new modernity*. London: Sage.
- Borges, D. (2015). "Vitimização e Sentimento de Insegurança no Brasil em 2010: teoria, análise e contexto". *Mediações*, Vol. 18 (1), pp. 141-163.
- Box, S; Hale, C. e Andrews, G. (1988). "Explaining Fear of Crime". *British Journal of Criminology*, Vol. 28, pp. 340-356.
- Caldeira, T. P. R. (2000). *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp.
- Cardoso, G. R.; Seibel E. L.; Monteiro, F. M; Ribeiro, E.A. (2013). "Percepções sobre a sensação de segurança entre os brasileiros: investigação sobre condicionantes individuais". *Revista Brasileira de Segurança Pública*, Vol. 7 (2), pp. 144-161.
- Ceccato, V. (2016). "Public Space and the Situational Conditions of Fear of Crime". *International Criminal Justice Review*, Vol. 26 (2), pp. 69-79.
- Chaddee, D; Ying, NH. e Heath, L. (2016). "Fear of Crime: the influence of general fear, risk, and time perspective". *Journal of Interpersonal Violence*, 1-23.
- Chon, D.S. e Wilson, M. (2016). "Perceived Risk of Burglary and Fear of Crime: individual and country-level mixed modeling". *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, Vol. 60 (3), 308-325.
- Clement, F. e Kleinman, M.B. (1977). "Fear of Crime in United States: a multivariate analysis". *Social Forces*, 56, pp. 519-532.
- Cohen, L. e Felson, M. (1979). "Social Changes and Crime Trends: a routine activity approach". *American Sociological Review*, Vol. 44, 588-608.
- Coleman, J.S. (1990). *Foundations of Social Theory*. Cambridge: Harvard University Press.

- Crank, J. P., Giacomazzi, A. (2003). "Fear of crime in a nonurban setting". *Journal of Criminal Justice* 31(3): 249–263.
- D'Araújo, M.C. (2003). *Capital Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Davis, C. e Peixoto, B. (2003). "Medo e espaço urbano: uma análise da percepção do risco de vitimização local e não local". Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Sociologia, Campinas.
- Donnelly, P.G. (1988). "Individual and Neighborhood Influences on Fear of Crime". *Sociological Focus*, 22, pp. 69-85.
- Eve, R.A. e Eve, S.B. (1984). "The Effects of Powerlessness, Fear of Social Change and Social Integration on Fear of Crime." *Victimology*, 9, pp. 290-295. Hunter,
- Farrall, S; Jackson, J e Gray, E. (2009). *Social Order and the Fear of Crime in Contemporary Times*. Oxford: Oxford University Press.
- Ferguson, K.M. e Mindel, C.H. (2007). "Modeling Fear of Crime in Dallas Neighborhoods: A test of social capital theory". *Crime and Delinquency*, Vol. 53 (2), pp. 322-349.
- Ferraro, K.F. (1995). *Fear of Crime: interpreting victimization risk*. Albany: SUNY Press.
- Franklin, C. e Franklin, T. (2009). "Predicting Fear of Crime: considering differences across gender". *Feminist Criminology*, Vol. 4 (1), 83-106.
- Garofalo, J. (1979). "Victimization and the Fear of Crime". *Journal of Research on Crime and Delinquency*, Vol. 16 (1), pp. 80-97.
- Giddens, A. (1990). *The Consequences of Modernity*. Cambridge: Polity Press.
- Goodey, J. (1997). "Boys Don't Cry: masculinities, fear of crime and fearlessness". *British Journal of Criminology*, Vol. 37, 401-419.
- Gray, E; Jackson, J. e Farrall, S. (2008). "Reassessing the Fear of Crime". *European Journal of Criminology*, Vol. 5 (3), 363-380.
- Hale, C; Pack, P. e Salkeld, J. (1994). "The Structural Determinants of Fear of Crime: an analysis using census and data from England and Wales". *International Review of Victimology*, Vol. 3, 211-23.
- Hale, C. (1996). "Fear of Crime: a review of the literature". *International Review of Victimology*, Vol. 4, 79-150.
- Hirtenlehner, H. e Farrall, S. (2013). "Anxieties about Modernization, Concerns about Communities, and Fear of Crime: testing two related models". *International Criminal Justice Review*, Vol. 24 (1), pp. 5-24.
- Kershaw, C. e Tseloni, A. (2005). "Predicting Crime Rates, Fear and Disorder Based on Area Information: evidence from the 2000 British Crime Survey." *International Review of Victimology*, Vol. 12, pp. 293-311.
- Killias, M. e Clerici, C. (2000). "Different Measures of Vulnerability in their relation of different dimension of fear of Crime". *British Journal of Criminology*, Vol. 40, 437-450.
- Lewis, D.A. e Salem, G. (1986). "Community Crime Prevention: an analysis of a developing strategy". *Crime and Delinquency*, 27, pp. 405-426.

- Lin, N. (2001). *Social Capital: A Theory of Social Structure and Action*. Nova York: Cambridge University Press.
- Machado, L. Z; Borges, A; Moura, C. P. (2014). *A Cidade e o Medo*. São Paulo: Francis.
- Mello, D.M. (2016). “Zonas do medo: variações geográficas do sentimento de (in) segurança no suplemento Vitimização e Acesso à Justiça da PNAD de 2009”. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, Vol. 10 (2), pp. 172-191.
- Pantazis, C. (2000). “Fear of Crime, vulnerability and poverty”. *British Journal of Criminology*, Vol. 40, 414-436.
- Putman, R. (2000). *Bowling Alone: the collapse and renewal of an American Community*. New York: Simon & Schuster.
- Putnam, R. (1993). *Making Democracy Work*. Princeton: Princeton University Press.
- Rodrigues, C. D.; Oliveira, V. C. (2012). “Medo de crime, integração social e desordem: uma análise da sensação de insegurança e do risco percebido na capital de minas gerais”. *Revista Teoria & Sociedade*, Vol. 20 (2), pp. 1-29.
- Sacco, V.F. (1993). “Social Support and Fear of Crime”. *Canadian Journal of Criminology*, 35, pp 187-196.
- Sampson, R. J e Raudenbusb, S.W. (1999). “Systematic Social Observation of Public Space: A New look at Social Disorder in Urban Neighborhoods”. *American Journal of Sociology*, 105, pp.603-651.
- Sampson, R.J; Raudenbush, S.W. e Earls, F. (1997). “Neighborhood and Violent Crime: A Multilevel Study of Collective Efficacy”. *Science*, 277, pp. 918-924.
- Sampson, R.J. (2012). *Great American City: Chicago and the Enduring Neighborhood effect*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Sampson, R.J. e Graif, C. (2009). “Neighborhood Social Capital as Differential Social Organization”. *American Behavioral Scientist*, Vol. 52 (11), pp. 1579-1605.
- Sampson, R.J. e Groves, W.B. (1989). “Community Structure and Crime: testing social desorganization theory”. *American Journal of Sociology*, 94, pp 774-802.
- Sampson, R.J. e Raudenbush, S.W. (2004). “Seeing Disorder: neighborhood stigma and the social construction of Broken Windows”. *Social Psychology Quarterly*, Vol. 67 (4), pp. 319-342.
- Schafer, J; Heubner, B. e Brynum, T. (2006). “Fear of Crime and Criminal Victimization: gender-based contrasts”. *Journal of Criminal Justice*, Vol. 34, 285-301.
- Shaw, C.R e Mckay, H.D. (1942). *Juvenile Delinquency in Urban Areas*. Chicago: University of Chicago Press.
- Silva, B. e Beato Filho, C. (2013). “Ecologia social do medo: avaliando a associação entre contexto de bairro e medo de crime. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Vol. 30, pp. 155-170.
- Silva, B. F. A.; Beato Filho, C. C. (2013). “Ecologia social do medo: avaliando a associação entre contexto de bairro e medo de crime”. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Vol. 30, pp.155–170.

Skogan, W.G. (1990). *Disorder and Decline: crime and the spiral of decay in American neighborhoods* (New York: The Free Press).

Tseloni, A. e Zarafonitou, C. (2008). "Fear of Crime and Victimization: a multivariate multilevel analysis of competing measurements". *European Journal of Criminology*, Vol. 5 (4), 387-409.

Warr, M. e Ellson, C. (2000). "Rethinking Social Reactions to Crime: personal and altruistic fear in family households". *American Journal of Sociology*, Vol. 106 (3), 551-578.

Wikström, P.O. e Dolmén, L. (2001). "Urbanization, Neighborhood Social Integration, Informal Social Control, Minor Disorder, Victimization and Fear of Crime". *International Review of Victimology*, Vol. 8, pp. 121-140.

Zaluar, A. e Ribeiro, A.P.A. (2009). "Teoria da Eficácia Coletiva e Violência: o paradoxo do subúrbio carioca". *Novos Estudos CEBRAP*, 84, pp. 175-196.